

O BRASIL NÃO É QUINTAL DE NINGUÉM

Por Albert Caballé Marimón*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O Brasil enfrenta pressões dos EUA com tarifas e investigações comerciais, e ameaças da OTAN por laços com a Rússia; ataques como esses são inaceitáveis e exigem que o país tenha postura firme e busque, com urgência, maior autossuficiência.

O cenário geopolítico recente tem sido marcado por uma série de ações assertivas dos Estados Unidos que impactam diretamente o Brasil. A imposição de tarifas sobre produtos brasileiros e a abertura de uma investigação sobre as práticas comerciais do país, somadas às ameaças da OTAN de sanções por um suposto apoio à Rússia, criam um ambiente de incerteza. Sob o governo Trump, os EUA têm adotado uma postura protecionista, buscando renegociar acordos comerciais e impor tarifas a países que consideram ter práticas comerciais desleais.

Paralelamente, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) vem intensificando sua retórica contra nações que mantêm laços econômicos com a Rússia, especialmente no que tange ao comércio de petróleo e gás. Este contexto de polarização e pressão econômica externa é o pano de fundo para as recentes ações direcionadas ao Brasil.

Além da ameaça com tarifas de 50% para as importações do Brasil, Donald Trump ordenou uma investigação sobre as práticas comerciais do Brasil, classificando-as como “injustas”. Esta investigação, conduzida sob a Seção 301 da Lei de Comércio de 1974, visa determinar se as políticas e práticas do governo brasileiro relacionadas a serviços de comércio digital e pagamentos eletrônicos, tarifas preferenciais injustas, interferência anticorrupção, proteção da propriedade intelectual, acesso ao mercado

de etanol e desmatamento ilegal são “*irracionais ou discriminatórias e oneram ou restringem*” o comércio americano.

Por trás dessas ações, o que há é uma combinação de protecionismo econômico, pressão política e uma tentativa de influenciar a política interna brasileira, especialmente no que diz respeito à liberdade de expressão e ao tratamento de empresas de tecnologia americanas. A retórica de Trump sugere que as tarifas são uma ferramenta para forçar o Brasil a alinhar-se com os interesses americanos em diversas frentes, indo além das questões puramente comerciais.

Adicionando outra camada de complexidade a esse cenário de ameaças, o secretário-geral da OTAN, Mark Rutte, emitiu um aviso severo a países como Brasil, China e Índia. Ele alertou que essas nações poderiam ser “*duramente atingidas*” por sanções secundárias caso continuassem a fazer negócios com a Rússia. A declaração de Rutte ocorreu durante uma reunião com senadores no Congresso dos EUA, um dia após Trump anunciar novas armas para a Ucrânia e ameaçar tarifas secundárias “*severas*” de 100% sobre os compradores de exportações russas, a menos que um acordo de paz seja alcançado em 50 dias.

As ações de Trump e as ameaças da OTAN trazem consigo uma série de possíveis consequências para o Brasil, tanto no âmbito econômico quanto no político. A imposição de tarifas de 50% sobre as importações brasileiras, como ameaçado por Trump, teria um forte impacto em setores-chave da economia brasileira, como o agronegócio. A investigação da Seção 301 pode levar a outras medidas retaliatórias por parte dos EUA, caso o Brasil não se ajuste às demandas americanas em áreas como comércio digital, propriedade intelectual e acesso ao mercado de etanol. Isso poderia gerar um ambiente de incerteza para investidores e empresas que operam no Brasil, afetando o fluxo de capital e o crescimento econômico.

As ameaças de sanções secundárias da OTAN por manter laços comerciais com a Rússia colocam o Brasil em uma posição delicada. Embora o Brasil tenha mantido uma postura de neutralidade e enfatizado o diálogo e a paz no conflito Rússia-Ucrânia, sua dependência de importações de fertilizantes e petróleo russo o tornam vulnerável a essas pressões. A concretização dessas sanções poderia afetar o acesso do Brasil a mercados internacionais e a cadeias de suprimentos, além de gerar atritos diplomáticos com potências ocidentais.

O que está se desenvolvendo, portanto, não é meramente uma disputa comercial ou uma questão de alinhamento geopolítico; é um ataque direto à soberania e do Brasil. As ações de Donald Trump, disfarçadas de preocupações com “*práticas comerciais injustas*” e “*liberdade de expressão*”, são, na verdade, uma tentativa de subjugar o país aos interesses hegemônicos dos Estados Unidos. A imposição de tarifas e a investigação da Seção 301 não são sobre comércio justo, mas sobre a dominação econômica e a tentativa de ditar a política interna brasileira, inclusive sobre quem o país pode ou não julgar em seu próprio território. É uma afronta inaceitável à autonomia brasileira e à capacidade de decidirmos nosso próprio destino.

Da mesma forma, as ameaças da OTAN, proferidas por Mark Rutte, são um ultraje. Acusar o Brasil de apoiar a Rússia por manter relações comerciais legítimas é uma hipocrisia monumental. O Brasil, como nação soberana, tem o direito inalienável de comerciar com quem bem entender, sem a necessidade de pedir permissão a blocos militares que buscam expandir sua influência e impor sua agenda. A chantagem de sanções secundárias é uma tática covarde para nos forçar a abandonar nossos

interesses nacionais em favor de uma guerra que não é nossa e de uma lógica de blocos que só serve para dividir o mundo e nos enfraquecer.

Nesse contexto de ataques externos, as ações antinacionais da família Bolsonaro se tornam ainda mais evidentes e condenáveis. Enquanto o Brasil luta para defender sua soberania e seus interesses, membros da família Bolsonaro já foram investigados por espionagem política, envolvidos em escândalos de corrupção, e por tentar subverter a democracia brasileira. A subserviência de Jair Bolsonaro a Donald Trump demonstra uma completa falta de compromisso com a nação. Eduardo Bolsonaro, por sua vez, atua como lobista nos EUA, buscando sanções contra o próprio Brasil, o que configura traição aos interesses nacionais.

Essas ações não apenas desviam a atenção dos verdadeiros desafios que o país enfrenta, mas também enfraquecem a posição do Brasil no cenário internacional, tornando-o mais vulnerável a pressões externas. A família Bolsonaro, com suas condutas, prova ser mais um obstáculo à construção de um Brasil forte e soberano, agindo em detrimento do povo e da pátria.

Diante desse cenário, o Brasil não pode se curvar. É imperativo que o país adote uma postura firme e intransigente em defesa de seus interesses. Em primeiro lugar, é preciso intensificar a diversificação de parcerias comerciais. A dependência excessiva de qualquer mercado, especialmente de um que se mostra tão volátil e coercitivo como o americano, é uma vulnerabilidade que não pode ser tolerada. É preciso fortalecer nossos laços com os BRICS, com a África, com a Ásia e com todos os países que respeitem nossa soberania e busquem relações de benefício mútuo.

Em segundo lugar, é fundamental que o Brasil invista maciçamente em autossuficiência tecnológica e industrial. O país não pode continuar refém de empresas estrangeiras que podem ser usadas como instrumentos de pressão política. É necessário desenvolver capacidades próprias em áreas estratégicas, desde o comércio digital até a produção de bens de alto valor agregado. Isso não apenas tornará o país mais resiliente a pressões externas, mas também gerará empregos e riqueza para a população brasileira.

Por fim, e talvez o mais importante, o Brasil deve reafirmar sua voz no cenário internacional como potência independente e não alinhada. Deve liderar o movimento por um mundo multipolar, onde a cooperação e o respeito mútuo prevaleçam sobre a hegemonia e a coerção. A defesa da soberania e dos interesses nacionais deve ser a bússola que guia todas as ações do país. O Brasil não é quintal de ninguém, e, parafraseando o economista Paulo Nogueira Batista Jr., tampouco cabe no quintal de ninguém. Já passou da hora de o mundo, inclusive muita gente no próprio Brasil, entenderem isso de uma vez por todas.

*Albert Caballé Marimón possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do site Velho General. Já atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Cerrado e proferiu palestras na AFA – Academia da Força Aérea. É colaborador do USNI (US Naval Institute) e do Canal Arte da Guerra.
